
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

OPOSTOS, MAS JUSTAPOSTOS:
OS DOIS LADOS DA EDUCAÇÃO N' O ATENEU, DE RAUL POMPÉIA,
E EM *FALANGE GLORIOSA*, DE GODOFREDO RANGEL

Franco Baptista Sandanello (UNESP - Araraquara /
Université Sorbonne Nouvelle - Paris III)
fbsandanello@gmail.com

RESUMO: O presente artigo procura aprofundar a relação hipertextual entre os romances *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia, e *Falange gloriosa* (1917), de Godofredo Rangel, avaliando, para além de uma proximidade temática, a ênfase narrativa de cada obra e as nuances ideológicas provenientes no cotidiano de colégios brasileiros na virada do século XIX para o XX.

PALAVRAS-CHAVE: Raul Pompéia; Godofredo Rangel; hipertextualidade; Literatura brasileira.

Há entre os romances *O Ateneu*, de Raul Pompéia, e *Falange gloriosa*, de Godofredo Rangel, uma proximidade temática evidente, e que aparenta ser a única possível entre ambos. Ao menos, é o que avaliaram Monteiro Lobato (1968), Antonio Candido (1954) e Enéas Athanázio (1984) nos textos críticos dedicados à obra de Rangel. No entanto, um exame mais minucioso dos romances indica uma íntima conexão entre si, que faz relevar a simples equiparação. Aprofundar esta relação é aquilo a que se propõe o presente trabalho, de forma a recuperar, a um só tempo, a importância da orientação comparativa no trato destas duas obras – principalmente, no caso de *Falange gloriosa* – e o resgate de sua discussão, hoje.

Ambos tratam do cotidiano de colégios brasileiros na virada do século XIX para o XX. *O Ateneu*, escrito e publicado em 1888 em folhetim na *Gazeta de Notícias*, relata, a partir da experiência individual do narrador, Sérgio, o cotidiano de um internato carioca da elite rural do país, no período de sua derrocada iminente, rumo à Abolição e à República. *Falange gloriosa*, escrito por volta de 1915 e publicado também em folhe-

tim no Estadinho (edição vespertina d'O Estado de S. Paulo) em 1917, explora, a partir de um narrador heterodiegético, o cotidiano de dois estabelecimentos de ensino de uma cidadezinha de Minas Gerais, Três Barras, destinados à educação de meninos da classe média no Ginásio “Fiat Lux”, e a meninas, na Escola Normal “Deus, Pátria e Família”. De um lado, pois, tem-se o domínio de Aristarco Argolo de Ramos, célebre em todo o Império e íntimo da Família Real; de outro, a direção de Antonio Junqueira Navarro, íntimo de deputados e ministros, e déspota sem rival no interior das Gerais. É evidente que estamos discutindo romances em que a educação é tematizada a partir da tutela despótica e arbitrária de dois diretores, que ocupam a posição central em cada obra e que agregam o sentido crítico de cada escritor a dois momentos distintos de descaso com a educação no Brasil. Todavia, como mencionado, a conexão entre as duas obras – aliás, não tão distantes cronologicamente uma da outra – não se limita a esta breve observação, de caráter introdutório.

Mais especificamente, e para retomarmos a conceituação de Gérard Genette (1982) presente em *Palimpsestes*, tais obras evocam uma relação de hipertextualidade, uma vez que não há a citação direta de uma pela outra (o que configuraria, por sua vez, o intertexto). De maneira inversa, o hipertexto de *Falange gloriosa* retoma o hipotexto d'O Ateneu “do qual ele brota, de uma forma que não é a do comentário”, transformando-o e atualizando-o, sob uma perspectiva diversa (Genette 1982: 12-13). A natureza de tal diálogo, que se dá de maneira criativa e pontual, necessita, porém, ser revista com cautela, de forma que não se entenda o texto A (*Falange gloriosa*) como mero *remake* do texto B (*O Ateneu*); pois “tal atitude teria por efeito projetar a totalidade da literatura universal no campo da hipertextualidade, o que dificultaria o seu estudo; mas, sobretudo, ela dá um crédito, e atribui um papel [...] à atividade hermenêutica do leitor – ou do arquiteitor”² (Genette 1982 : 19).

Tome-se, como ponto de partida, *Falange gloriosa*, romance muito menos discutido que o outro, e que faz, hoje, figura de obra praticamente inédita, por diversos motivos. Dentre eles, caberia apontar, como Enéas Athanázio (2007) – estudioso sistemático da obra de Rangel, além de seu primeiro e único biógrafo – três fatores preponderantes, ligados ao esquecimento de sua obra, como um todo: o desinteresse da família de Rangel pela publicação de sua obra; a campanha levada a cabo por Wilson Martins (1978) contra Rangel, que afastou muitos editores até então interessados no escritor; e a proximidade ofuscante de Monteiro Lobato, testemunhada em *A barca de Gleyre*, que registra 40 anos de correspondência entre os escritores e apresenta – a pedido do próprio Rangel – apenas as cartas de Lobato (Silva 2011). Claramente, a timidez do escritor, aliada a tais fatores, determinou o esquecimento em que se encontra Rangel, especialmente no que diz respeito ao estudo de *Falange gloriosa* (Silva 2014). O romance, após publicado no *Estadinho*, não foi reunido em volume, apesar dos pedidos instantes de Lobato (1968). Rangel recusou-se a publicá-lo, temendo possivelmente uma relação muito direta com pessoas de seus tempos

1 sur lequel il se greffe d'une manière qui n'est pas celle du commentaire.

2 une telle attitude aurait pour effet de verser la totalité de la littérature universelle dans le champ de l'hypertextualité, ce qui en rendrait l'étude peu maîtrisable ; mais surtout, elle fait un crédit, et accorde un rôle [...] à l'activité herméneutique du lecteur – ou de l'architecteur.

de professor nas escolas mineiras. O único volume existente hoje é o da Editora Melhoramentos, publicado em 1954, mesmo ano de reedição de seu livro mais popular, *Vida ociosa* (1954b). No que se refere à conexão de *Falange gloriosa* com *O Ateneu*, Athanázio (1984: 11), observa:

Essa história decorre num colégio, o que tem levado muitos a compará-la ao *O Ateneu*, de Raul Pompéia. Nada mais impróprio, como já se observou. Os livros só tem em comum o palco onde se movimentam os personagens, mas o primeiro é a visão do aluno do mundo que o cerca, por assim dizer de baixo para cima. O jovem, observando sem ser observado, julga o mestre, o ambiente, os colegas e as regras. Na obra rangelina é o inverso: o narrador, colocado de cima, anota um meio inferior onde as circunstâncias o colocaram, medíocre e caricato na cegueira da ignorância presunçosa.

A observação de Athanázio (1984), apesar de instigante, necessita ser refutada em alguns pontos. Sérgio, narrador d'O *Ateneu*, está longe de ser alguém que observa “sem ser observado”, como bem o notou Alfredo Bosi (1988); além disso, tampouco o narrador heterodiegético de Rangel coloca-se em “um meio inferior”, estando sempre fora da diegese para indicar aquilo que possui de “medíocre e caricato na cegueira da ignorância presunçosa” de Navarro. Ressalvando-se, porém, tais elementos, pode-se chegar ao ponto visado por Athanázio (1984), e que interessa sobremaneira à presente discussão: a diferença de perspectiva narrativa entre as duas obras. A primeira, focalizando de “baixo para cima” o universo do *Ateneu*, a partir do olhar de um dos internos explorados pela pedagogia capitalista e predatória de Aristarco (Sandanello 2014); a segunda, de cima para baixo, observando a mediocridade do Ginásio e da Escola Normal, governados pelo preceito mesquinho da aprovação automática de todos os alunos, a fim de evitar balanços desfavoráveis no orçamento do ano seguinte (Silva 2013). Segundo o parecer de Antonio Candido (1954: 6), esta alteração de perspectiva é a principal responsável pela falta de qualidade literária de *Falange gloriosa*, que assume, assim, a postura menos crítica e problematizadora de relato sequencial de episódios caricatos e de hilaridade terra-a-terra, sem significação ulterior:

É uma sátira sobre um colégio feito para lucro e vaidade, onde se deforma o espírito das crianças sob uma fachada aparatosa de ciência e pedagogia. Como tema, liga-se a uma tradição rica, ilustrada por Dickens e, entre nós, Raul Pompéia e José Lins do Rego. Mas Rangel se afasta da linha destes autores, e mais ainda do *Coruja*, de Aluísio de Azevedo, deixando de lado a vida do aluno pela descrição do estabelecimento. Perspectiva mais pobre, pois a outra se presta admiravelmente a analisar o modo por que o menino e o adolescente interpretam o mundo dos adultos – que lhes parece um sistema iníquo e sufocante, imposto pela força, ignorante dos problemas específicos da idade, e contra o qual reagem, surda ou ostensivamente, pelas rebeliões da conduta e da sensibilidade. [...] Rangel preferiu, contra a tradição literária, o ângulo menos

rico, melhor ajustado, porém, ao seu evidente desígnio de sátira social, crítica moralizante e grossa caricatura punitiva, - que nos faz pensar, numa curiosidade risonha, que modelos teria eleito entre os quatro ou cinco famosos colégios sul-mineiros, que certo tempo atraíram alunos de toda parte...

Para o crítico, o desnível da obra estaria, pois, no desencontro entre sua intenção claramente satírica, característica de um “roman à clef” – que faz o leitor perguntar-se sobre qual seria a “chave” de leitura, i.e., o modelo subjacente à figura de Navarro – e a arte “caligráfica” do escritor, ocupada em seus demais romances e contos com o ornato estilístico e com o bem falar. Vale notar que esta leitura do romance como “roman à clef” foi corroborada também, no caso d'O Ateneu, por Campedelli (1992). Obviamente, entender O Ateneu desta forma equivaleria a perder as nuances narrativas que tão sabiamente dispõe Pompéia no hiato temporal que vai do menino, protagonista, ao narrador, adulto. Afinal, o que pode influir na experiência de leitura da obra ligar Aristarco ao Barão de Macaúbas (por quem, diga-se de passagem, Pompéia nutria vivo reconhecimento)? E que pode também, no que toca à *Falange*, caso respondido o desejo de Candido? Como se vê, trata-se, em ambos os casos, de uma crítica perene aos meandros da educação e aos excessos cometidos pelos diretores, professores e alunos. Contudo, apesar da preocupação estilística de *Falange*, Candido (1954: 6) deixa em aberto duas questões no trecho citado que apontam para certo desnível em sua leitura. Como se sabe, *O coruja* é também um romance narrado de um ponto de vista heterodiegético, e, enquanto tal, serviria de “tradição” para a *Falange*. Todavia, para o crítico, o romance se posta “contra a tradição literária”, num claro movimento do que seria seu anacronismo perante a série literária anterior. Em segundo lugar, o reparo ao que considera “ângulo menos rico, melhor ajustado, porém, ao seu evidente desígnio de sátira social, crítica moralizante e grossa caricatura punitiva”, mitiga um dos pontos mais perenes de sua ligação com O Ateneu – e, neste sentido, com a obra dos autores elencados juntamente a Pompéia: o rico contraponto que oferece – rico, justamente, pela postura onisciente que falta (de maneira estratégica, claro, mais ainda faltante) aos demais – de crítica direta ao funcionamento administrativo das instituições de ensino, apontada para o cotidiano opressivo vivenciado também por funcionários e professores. Não se trata apenas de uma mudança de perspectiva, para melhor ou para pior, mas sim do relato necessariamente satírico e jocoso da outra metade da educação, que não se limita à tradição destes autores (Dickens, Pompéia, Rêgo, Azevedo) e inverte a ordem de “baixo para cima”, justamente para mostrar que, mesmo em “cima”, há mecanismos de opressão que relativizam quaisquer relatos parciais (em primeira pessoa) ou pretensamente imparciais (em terceira pessoa) sobre o assunto.

Neste sentido, presencia-se desde o início de *Falange gloriosa* o drama de um casal de velhos professores que vão para Três Barras a fim de que Flávia, esposa de João, ocupe a vaga de professora da Escola Normal. Logo ao chegarem, são apresentados ao arbítrio de Navarro, que expulsa o velho da Escola para que não surjam falatórios a respeito de sua nova professora, a quem julgava, até então, viúva. Contudo, seu

discurso de recepção aos pais faz parecer seu empenho com a educação um dos mais honrados possíveis:

Escolho o professorado a ponta de dedo e submeto-o a uma disciplina férrea. Para nós o magistério não é meio de vida e sim uma missão. É como se Deus do seu alto sólio nos tivesse despachado à Terra, ordenando: - Ide e ensinai! e nós, humílimos e obedientes, tornamo-nos em apóstolos da luz e legionários da ciência. (Rangel 1954: 28)

Os discursos de Navarro mascaram a realidade do ensino que impõe a seus professores, e fá-lo parecer muito superior a seus próprios limites. Contando com sua figura imponente e com a surpresa dos três-barrenses, de quem obtém facilmente “prédios, dinheiro, crédito ilimitado [...], uma esplêndida chácara para a escola normal, e grandes prédios para o ginásio, sem discutir nem preços nem condições”, Navarro esconde a exploração de seus funcionários sob a verborragia de seus autoelogios. (Rangel 1954: 48). Não contando quarenta anos, afirma ter frequentado seis anos a Universidade de Salamanca; oito anos lecionado na mesma instituição; três anos passados numa travessia da África; cinco anos negociando especiarias na Oceania; três anos de cativo sob os antropófagos do Mato Grosso; dez anos de estadia em Minas etc. Assim, salta aos olhos o ridículo de suas pretensões, frente à realidade miserável dos professores, tidos por si, não obstante, como membros de seu “Estado-Maior”.

De fato, “todo o princípio de ano era de ver os professores chegando um a um, moles, descorajados, ante a árdua labuta a recomeçar, à só perspectiva das sete ou oito aulas diárias a que quase todos eram constrangidos, parte no Ginásio, parte na Escola Normal” (Rangel 1954: 66). A exploração do corpo docente pelo inescrupuloso Navarro beira os extremos da escravidão, sendo todos obrigados a horas extras de serviço nos finais de semestre, durante o período noturno (estando já ocupados, de praxe, os períodos matutino e vespertino):

Os únicos momentos de doce despreocupação que gozavam era no sábado à tarde, pela perspectiva de mais de vinte e quatro horas de descanso. Fora das aulas nem gostavam de ouvir a sineta soando no colégio algum repique regimental; as vibrações imperiosas que o Baiano [o faz-tudo do Ginásio] sabia dar-lhe trespassavam-lhes a cabeça, amargando seu repouso. E assim iam andando taciturnos, levemente consolados pela esperança do ainda longínquo êxito da parede, que devia irromper-se por ocasião dos exames. (Rangel 1954: 193)

A gloriosa falange de que fala o romance em seu título – em possível menção, como apontado por Suely Cassal (2002), às *Ilusões perdidas* de Balzac (1951) –, não é nem gloriosa nem está armada para levar a cabo a tarefa apostólica da alfabetização. De acordo com a autora, o título do romance faz menção a certa passagem da obra mencionada de Balzac (1951: 304):

Mostrarás essa gloriosa falange resistindo à invasão dos românticos, batendo-se pela ideia e pelo estilo contra a imagem e o palavreado, continuando a escola voltaireana e se opondo à escola inglesa e alemã, tal como os dezessete oradores da Esquerda combatem pela nação contra os ultras da Direita. Protegido por esses nomes venerados pela imensa maioria dos franceses, que não de ser sempre pela oposição da esquerda, podes esmagar Nathan, cuja obra, apesar de conter belezas superiores, dá em França direito de cidadania a uma literatura sem ideias. Desde então, não se trata mais de Nathan nem de seu livro, compreendes? mas da glória da França.

Neste capítulo, intitulado “A primeira luta”, o jornalista Lousteau ensina a Lucien seus primeiros passos na imoralidade de boa parte do jornalismo da época, fazendo-o entender que, apesar das qualidades do livro de Nathan, cuja segunda edição está para ser publicada, é preciso envolver uma série de questões de segunda ordem a fim de demolir o valor literário do livro, desviando a atenção para o orgulho dos franceses, a luta entre a esquerda e a direita política etc. O sentido messiânico da educação, contido nos discursos laudatórios de Navarro, faz-se, assim, prenunciado pelo título, enquanto falange – i.e., corpo militar – postada contra os espectros da ignorância, mas evocada apenas a título de encenação, de forma a desviar a atenção daquilo que realmente interessa: a qualidade do ensino.

Portanto, antes de ser gloriosa e servir à tarefa da alfabetização, a falange diz respeito a um número de miseráveis explorados para o benefício de um só indivíduo, verdadeiro lobo em pele de cordeiro. Em *O Ateneu* acontece algo semelhante, e Aristarco, diretor do colégio, é descrito em termos não de lobo, mas de jaguar:

Levava as aparições às aulas, surpreendendo professores e discípulos. Por meio deste processo de vigilância de inopinados, mantinha no estabelecimento por toda a parte o risco perpétuo do flagrante como uma atmosfera de susto. Fazia mais com isso que a espionagem de todos os bedéis. Chegava o capricho a ponto de deixar algumas janelas ou portas como votadas a fechamento para sempre, com o fim único de um belo dia abri-las bruscamente sobre qualquer maquinação clandestina da vadiagem. Sorria então no íntimo, do efeito pavoroso das armadilhas, e confiava os majestosos bigodes brancos de marechal, pausadamente, como lambe o jaguar ao focinho a preguista de um repasto de sangue. (Pompéia 1981: 105)

Certo de contar com a conivência embasbacada de um sem-número de meninos, impondo-se sobre os professores até extirpar-lhes a vontade própria, Aristarco pergunta seu “repasto de sangue” e faz o perfil de um verdadeiro “vampiro” da educação. De maneira idêntica a Navarro, transforma seus seguidores em seres desprovidos de ideias, ao que prontamente confessa Sérgio: “Estava aclimado, mas eu me aclimara pelo desalento, como um encarcerado no seu cárcere. Depois que sacudi fora a tranca dos ideais ingênuos, sentia-me vazio de animo; [...] o vácuo habitava-me dentro” (Pompéia 1981: 77). De outra perspectiva, mas igualmente desalentada,

é Flávia, ante as ameaças violentas de Navarro (Rangel 1954: 212-213): “Sim, senhora! Então é só dar-lhe a gente roupa, atafulhá-la de feijão, dar-lhe casa para morar, pagar-lhe lavadeira e engomadeira, e deixá-la sair assim sem mais? Não! Vamos primeiro fazer as contas, que lhe garanto que me deve mais do dobro dos seus ordenados!” Percebe-se, pois, que, tanto Aristarco quanto Navarro regem seus estabelecimentos de ensino como instituições de terror e de desumanização. De fato, as semelhanças, neste sentido, são inúmeras.

Para que se fixe o valor da comparação, é lícito citar alguns destes exemplos, espalhados pel'O Ateneu e pela *Falange*: a entrada semelhante nos espaços distópicos do internato e da escola normal por Sérgio e por Flávia, marcada pela passagem sob um arco de entrada, com os respectivos escritos “Atheneum” e “Deus, Pátria e Família” (e que bem poderiam dizer “*Lasciate ogni speranza voi ch’entrate*”); a presença de um Grêmio Literário verboso e superficial, conclamado nas ocasiões festivas, denominado respectivamente “Amor ao Saber” e “Luís de Camões”; a retórica vazia e autoelogiosa de Aristarco e de Navarro, versando o mais das vezes sobre a missão árdua do Pedagogo e da Luz (com as maiúsculas de praxe); a confusão estratégica dos diretores entre uma postura paternalista e outra profissional, capaz de mesclar o pai ao gerente a fim de equilibrar os agrados da esfera familiar com a formalidade da esfera pública (sob a mediação do arbítrio); a aprovação mercenária dos alunos, independente de notas, com vistas ao lucro; o uso de um sistema grandioso de propaganda, que se estende das roupas dos professores à caiação das paredes, passando pela distribuição gratuita de livros e pelas solenidades pomposas, com presença de diversos figurões do Império e da República; a ocultação sistemática da insalubridade do espaço escolar, responsável pela morte de Franco, na cafua, e de Matildinha, de surto de tifo; a péssima qualidade de ensino, evidenciada em absurdos como o de indicar o Cruzeiro do Sul no hemisfério norte ou afirmar na *Odisseia*, e não na *Ilíada*, a luta entre gregos e troianos; a presença de figuras mais ou menos destoantes, como o professor Cláudio e o subdiretor Meira, que orientam os alunos e dispõem de maior tato no desempenho de suas funções etc.

Se, todavia, as semelhanças abundam e parecem monopolizar o sentido comparativo do estudo dos dois romances, note-se que as diferenças, em contrapartida, aclaram aquilo que cada obra possui de mais peculiar. Enumerem-se, para tanto, as mais essenciais: a distinção entre o espaço privilegiado em que se situa o Ateneu, na capital do Império, e a pequena vila de Três Barras, espaço provinciano e “mero ponto de referência [...] destituído de qualidades específicas” (Athanasio 1989: 10); o papel fundamental da mulher de Aristarco, Ema, na desclassificação moral do diretor, ao fugir com Crisóstomo pouco antes do incêndio, em comparação com a nulidade de Adélia, mulher de Navarro; a distância que vai da atmosfera formal e parnasiana do Ateneu aos erros crassos de português dos professores do “Fiat Lux” – como o professor de música e desenho, Lago, que só diz impropérios, ou ainda Ercole Cavagnari, italiano que mal sabe o português e passa como ilustre poliglota, além de doutor em ciências (quais?) “per l’Università di Milano!!” (Rangel 1954: 81); a diferença de pessoa narrativa, que vai da homodiegética (autodiegética, no caso de Sérgio) à heterodiegética, e as diferentes focalizações que disso resultam; a mudança de tom,

que descamba da crítica madura e desiludida de Sérgio nas situações ridículas de *Falange gloriosa* etc. Cabe acrescentar, a título de exemplo, que as cenas de ridículo professoral presentes no livro de Rangel, a fim de ilustrar o governo despótico de Navarro, parecem comprometer a qualidade da obra (Candido, 1954), tamanha sua insistência em flashes absurdos do ensino. Como quando o professor de português, Luís de Camões, pretendo descendente do poeta, além de irmão mais velho de um menino que apanha dos demais, de nome Napoleão Bonaparte, afirma: “Um dia eu estava na sala, de pé, recitando para os discípulos uma passagem dos Lusíadas, quando de repente sinto um calor úmido nesta perna. Volto-me, e que havia de ver! era o Martinho, com uma perna erguida, e a coisinha de fora, pregando-me uma mijada! Tal qual um cachorrinho num poste!” (Rangel 1954: 198).

Ou ainda, quando o narrador coloca-se a desvendar o orgulho ferido dos professores, bravateando entre si contra o diretor:

Ouvindo-os, gerava-se a convicção de que naqueles cidadãos pacatos, maleáveis e submissos, havia outros tantos criminosos natos, com avitas [sic] ferocidades do homem da pedra lascada. Era o sangue do ex-gorila que bramava nas veias do ex-deputado? Despertava no Luís de Camões a têmpera dos velhos guerreiros lusitanos? E na lesmice do Mendonça surdia porventura o antropófago pré-histórico? Problemas em que a razão se obumbra e soçobra! (Rangel 1954: 229)

Desta forma, pode-se dizer que *Falange gloriosa* consiste do negativo d'O Ateneu, chegando aonde, por escolha e concisão narrativa, Pompéia não quis chegar. Neste sentido, subtraindo-se d'O Ateneu (hipotexto) a presença mediadora e sufocante de Sérgio, e mantendo-se a crítica à educação de fachada da virada do século XIX para o XX, atingir-se-ia a “charge meio primária” (hipertexto) buscada por Rangel (Candido 1954: 11). De fato, exagerando intencionalmente a ganância da direção e as falhas do professorado, e sem contar com o anteparo dramático de um menino de pouco mais de onze anos, o resultado não poderia ser outro que uma caricatura do ensino da época, assim como, em registro diverso, O Ateneu teria de ser a caricatura intestina de um “autêntico representante da burguesia [...] denúncia visível, em todos os momentos, na ótica da personagem Sérgio.” (Abdala Jr. & Campedelli 1999: 153)

Neste sentido, o romance de Pompéia concede primazia ao enviesamento das informações pelo narrador, e garante um enfoque inteiramente diverso do de *Falange gloriosa*. A título de exemplo, observe-se a primeira aparição de Aristarco, em que todo seu ser é dado de antemão ao leitor enquanto súmula de anúncio, entremesclando à sua descrição física (única aparentemente viável à experiência do menino) a descrição de seus hábitos, crenças e características íntimas:

Aristarco, todo era um anúncio. Os gestos, calmos, soberanos, eram de um rei - o autocrata excelso dos silabários; a pausa hierática do andar deixava sentir o esforço, a cada passo, que ele fazia para levar adiante, de empurrão, o progresso do ensino público; o olhar fulgurante, sob a crispação áspera dos

supercílios de monstro japonês, penetrando de luz as almas circunstantes - era a educação da inteligência; o queixo, severamente escanhado, de orelha a orelha, lembrava a lisura das consciências limpas - era a educação moral [...]. Retorça-se sobre tudo isto um par de bigodes, volutas maciças de fios alvos, torneadas a capricho, cobrindo os lábios, fecho de prata sobre o silêncio de ouro, que tão belamente impunha como o retraimento fecundo do seu espírito, - teremos esboçado, moralmente, materialmente, o perfil do ilustre diretor. (Pompéia 1981: 33-34)

A par da “redução” da vida interior e exterior de Aristarco, sob a ótica da crítica implacável à educação vazia do internato, seguem como complementos de sua descrição pessoal situações inventadas ou distorcidas. Outro exemplo bastante significativo encontra-se na recepção dos alunos novos pelo diretor, em que Sérgio relata experiências anteriores àquelas vistas por si. Compare-se o seguinte trecho, típico de uma narrativa heterodiegética, com sua focalização nas vivências do menino somente num momento posterior à configuração do ambiente:

A cada entrada, o diretor lentamente fechava o livro comercial, marcando a página com um alfanje de marfim; fazia girar a cadeira e soltava interjeições de acolhimento [...]. O pai, o correspondente, o portador, despedia-se, depois de banais cumprimentos, ou palavras a respeito do estudante, amenizadas pela gracinha da bonomia superior de Aristarco [...]. A cadeira girava de novo à posição primitiva; o livro da escrituração espalmava outra vez as páginas enormes; e a figura paternal do educador desmanchava-se volvendo a simplificar-se na esperteza atenta e seca do gerente [...]. Quando meu pai entrou comigo, havia no semblante de Aristarco uma pontinha de aborrecimento. Decepção talvez de estatística, o número dos estudantes novos não compensando o número dos perdidos. (Pompéia 1981: 51, 53)

Finalmente, tome-se, como último exemplo, a fala narrativizada do diretor por ocasião da festa de fim de ano do colégio, em que se percebe o crivo do narrador na própria voz de Aristarco: “O educador é como a música do futuro, que se conhece em um dia para se compreender no outro [...]. Quanto ao seu passado, nem falemos! Não olhava para trás por modéstia, para não virar monumento, como a mulher de Lot” (Pompéia 1981: 246). Há “evidentemente uma interpolação” de Sérgio a partir da terceira oração, deixando “escapar o próprio juízo; Aristarco não poderia expressar-se nestes termos” (Pacheco 1971: 148).

“Daí [certa] ambiguidade do emprego do eu como pessoa de narração no Ateneu”, pois “passadas as primeiras páginas, o livro deixa de ser de memórias, introspectivo, para apresentar-se como um agressivo romance em que o narrador se esquece de si para analisar imaginariamente os sentimentos e as emoções do Outro” (Santiago 1972: 28). Adentrando o pensamento mesquinho e filisteu do diretor, as perversões dos colegas etc., e numa postura inteiramente oposta àquela do narrador de *Falange gloriosa* (sempre distante dos absurdos que denuncia), Sérgio abusa assim da cen-

tralidade de seu memorialismo, substituindo-se às demais personagens do passado numa postura talvez hierárquica de “dono” da narração – à revelia e à imagem de sua posição de destaque na sociedade, enquanto parte da “fina flor da mocidade brasileira” (Pompéia 1981: 35). Como bem assinala Roberto Schwarz (1981: 29-30), a propósito de Aristarco, “o Diretor, pode-se dizer, é a visualização do tom do livro, que é, por sua vez, o tom da vida interior de Sérgio”, como fica evidente em suas “tiradas retóricas”, “que em nada se distinguem das tiradas que devem descrevê-lo enquanto exterioridade. O estilo pessoal de Aristarco e o estilo do livro, que dá conta de sua pessoa, são uma e a mesma coisa”.

Por todos os motivos aqui elencados, e que vão das semelhanças às diferenças entre *O Ateneu* e *Falange gloriosa*, cabe dizer, à guisa de conclusão, que uma leitura conjunta de ambos apenas faria evidenciar as nuances do diálogo de cada obra com o Brasil de sua época, bem como relevar, através de opções narrativas diversas para um tema comum, a riqueza de cada universo ficcional, postado ora sob o signo de uma ampla denúncia – no hipertexto de Rangel – ora sob o signo da vingança pessoal de Sérgio – no hipotexto de Pompéia.

OBRAS CITADAS

ABDALA JR., Benjamin; CAMPEDELLI, S.Y. Raul Pompéia. In: _____. *Tempos da literatura brasileira*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 149-153.

ATHANÁZIO, Enéas. “Falange gloriosa”. *Minas Gerais: Suplemento Literário*, Belo Horizonte, p. 11, 11 nov. 1984. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/exbGer/exbSup.asp?Cod=19094711198411>>. Acesso em: 07 abr. 2014.

———. Godofredo Rangel. *Minas Gerais: Suplemento Literário*, Belo Horizonte, p. 2-3, 24 nov. 1984. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/exbGer/exbSup.asp?Cod=19094711198402-19094711198403-19094711198404>>. Acesso em: 07 abr. 2014.

———. Godofredo Rangel: o papel do escritor. *Minas Gerais: Suplemento Literário*, Belo Horizonte, p. 10-11, 21 out. 1989. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/exbGer/exbSup.asp?Cod=23113210198910-23113210198911>>. Acesso em: 07 abr. 2014.

BALZAC, Honoré de. *A comédia humana: Ilusões perdidas*. Porto Alegre: Globo, 1951. v. VII.

BOSI, Alfredo. O Ateneu: opacidade e destruição. In: _____. *Céu, Inferno*. São Paulo: Ática, 1988. p. 33-57.

CAMPEDELLI, Samira Youssef. Um ruído libertário trincando o autoritarismo. In: POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. 2 ed. São Paulo: FTD, 1992. p. 7-11

CANDIDO, Antonio. Literatura caligráfica. In: RANGEL, Godofredo. *Falange gloriosa*. São Paulo: Melhoramentos [1954]. p. 5-11.

CASSAL, Suely. Rangel, o anjo do Cenáculo. In: ——. *Amigos escritos: correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002. p. 75-83.

FREITAS, Paula. Um grande romancista. *Minas Gerais: Suplemento Literário*, Belo Horizonte, 05 jan. 1980, p. 11. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/websuplit/exbGer/exbSup.asp?Cod=14069201198011>>. Acesso em: 07 abr. 2014.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Seuil, 1982.

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre: quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. 12 ed. São Paulo: Brasiliense, 1968. t. II.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1978. v. VI.

PACHECO, João. A perscrutação psicológica. In: ——. *A literatura brasileira: o realismo (1870-1900)*. 4 ed. São Paulo: Cultrix, 1971. p. 144-151.

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

———. *Obras: Miscelânea, Fotobiografia*. v. 10. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal de Angra dos Reis, 1991.

RANGEL, Godofredo. *Falange gloriosa*. São Paulo: Melhoramentos, 1954.

RANGEL, Godofredo. *Vida ociosa*. 3 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1954b.

SANDANELLO, Franco Baptista. *O escorpião e o jaguar: o memorialismo prospectivo d'O Ateneu, de Raul Pompéia*. Araraquara: UNESP, 2014. Tese de Doutorado.

SANTIAGO, Silviano. *O Ateneu: contradições e perquirições*. *Cadernos da PUC*, Rio de Janeiro, nº 11, p. 19-49, out. 1972.

SCHWARZ, Roberto. *O Ateneu*. In: *A sereia e o desconfiado*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1981. p. 25-30.

SILVA, Ana Claudia da. *A caligrafia do anjo: fortuna crítica de Godofredo Rangel*. *Memento*, v. 5, n. 2, p. 8-28, jul-dez. 2014.

SILVA, Danyelle Marques Freire da. *A constituição do espaço em Vida ociosa, de Godofredo Rangel*. Três Corações: Universidade Vale do Rio Verde, 2013.

SILVA, Lutiane Marques. *Além da barca de Gleyre: quarenta e cinco anos de correspondência literária entre Godofredo Rangel e Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: UERN, 2011. Dissertação de Mestrado.

APART THOUGH ENTWINED: THE TWO SIDES OF EDUCATION ON RAUL POMPÉIA'S *O ATENEU* AND GODOFREDO RANGEL'S *FALANGE GLORIOSA*

ABSTRACT: This article discusses the hypertextual relation of the novels *O Ateneu* (1888) by Raul Pompéia and *Falange gloriosa* (1917) by Godofredo Rangel, assessing, apart from a thematic proximity, the

narrative emphasis of each novel and its resulting ideological nuances as part of the daily life of Brazilian schools at the turn of 19th to 20th centuries.

KEYWORDS: Raul Pompéia; Godofredo Rangel; hipertextuality; Brazilian Literature.

Recebido em 17 de agosto de 2015; aprovado em 14 de novembro de 2015.